

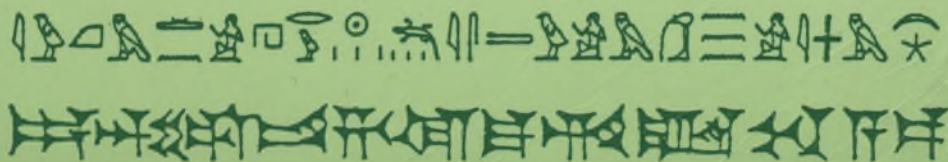
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

2



E D I C I O E S
C O S M O S



ALBERT DE PURY (ed.), *Le Pentateuque en question* (Le monde de la Bible, 19), 2.^a ed., Labor et Fides, Genève 1991, 421 pp. ISBN 2-8309-0148-7; 60 FS 240 FF.

As Faculdades de Teologia das Universidades da Suíça francófona (Friburgo, Genebra, Lausanne e Neuchâtel) não poderiam ter escolhido tema mais actual e mais quente para o seminário de 3.^o ciclo de 1986/87. E o suceder rápido das edições mostra que pelo menos a actualidade não passou. É que o consenso estabelecido à volta da hipótese documentária de Julius Wellhausen para a formação do Pentateuco, após um século de domínio triunfante, entrou em declínio, que ainda não em queda ou colapso. Fortaleza aparentemente inexpugnável no início da década de 70, a teoria levada à última perfeição por Gerhard von Rad, Martin Noth e outros começou a combater. Às arremetidas de T. L. Thompson (1974) e J. van Seters (1975) além Atlântico sucedeu o questionamento global de H. H. Schmid (1976) e R. Rendtorff (1977) na Europa. Não se chegou a novo consenso, mas após a investigação dos últimos quinze anos «nada será como antes».

A participação de R. Rendtorff e H. H. Schmid com alguns discípulos (E. Blum, F. Crüsemann do primeiro; M. Rose do segundo) deu ao colóquio e aos debates o desejado nível de profundidade, objectividade e vivacidade. E assim surgiu esta Obra, com contributos de S. Amsler, E. Blum, F. Crüsemann, R. Rendtorff, Th. Römer, M. Rose, H. H. Schmid, H. Seebass, J.-L. Ska, J. Vermeylen, E. Zenger e A. de Pury, e dividida em quatro grandes secções: I. Introdução (pp. 9-80); II. Os estratos literários (pp. 81-232); III. Temas e tradições (pp. 233-335); IV. Ensaio de síntese (pp. 337-389). A encerrar, um índice de citações bíblicas, a apresentação sumária dos colaboradores e o índice geral.

Muito instrutiva e bem conseguida é a Introdução, em que A. de Pury e Th. Römer marcam a «posição do problema» e traçam uma «breve história da investigação». R. Rendtorff, em «L'histoire des origines (Gen 1-11) dans le contexte de la redaction 'sacerdotale' du Pentateuque» (pp. 83-94) não nega que no «escrito sacerdotal» (P) tenham confluído tradições anteriores; contesta apenas «a existência de 'fontes' independentes escritas» (sublinhado do Autor, p. 84) e que se arvore um «modelo» em «paradigma» que nunca mais se submete a crítica (p. 83). Convida o exegeta a tomar por objecto «o texto na sua configuração presente» (p. 93), duvidando seriamente da existência das clássicas «fontes»: «Je ne vois aucun indice pour admettre que les textes 'sacerdotaux' aient jamais existé en eux-mêmes» (p. 91). Semelhantes reservas exprime J.-L. Ska em estudo mais pormenorizado: «Quelques remarques sur Pg e la dernière rédaction du Pentateuque» (pp. 95-125). Analisando sucessivamente Ex 6,2-8; Gn 17; 35,9-15; Ex 2,23-25; 7,1-5; 29,43-45 propõe, a jeito de conclusão, uma hipótese de trabalho sobre o conjunto da narrativa sacerdotal. Os principais elementos desta hipótese seriam três: 1) «A narrativa sacerdotal forma um todo orgânico»; 2) «estes textos sacerdotais retomam, resumem, comentam e modificam os relatos mais importantes das fontes antigas»; 3) «os textos sacerdotais estudados situam-se todos em locais precisos do relato final» (p. 123). Há que perguntar se é o próprio Pg ou se são os autores da última redacção do Pentateuco os responsáveis pela situação actual. Na segunda hipótese, a que o Autor reconhece alguma verosimilhança, P seria mais a «redacção final» que uma «fonte» autónoma inserida posteriormente no conjunto.

M. Rose («Empoigner le Pentateuque par sa fin! L'investiture de Josué et la mort de Moïse», pp. 129-147) e E. Blum («Israël à la montagne de Dieu: Remarques sur Ex 10-24; 32-34 et sur le contexte littéraire et historique de sa composition») não desdenham das audácias inovadoras dos seus mestres. O primeiro rotula de «demasiado simplista» a ideia de que o Pentateuco foi composto ou redigido a partir de quatro fontes ou documentos (J, E, D e P) e põe às avessas o esquema de M. Noth sobre a relação do Tetrateuco com a História Deuteronomista. «Je rejette l'hypothèse traditionnelle qui veut que le Tétrateuque sous une forme ou une autre ait existé, une fois, d'une manière autonome. Les textes yahwistes du complexe dit Tétrateuque ne sont rien d'autre qu'une introduction, ou un 'générique' successivement agrandi, de l'historiographie deutéronomiste» (p. 133). A prova estaria na análise de alguns textos paralelos de Nm e Dt, su-

pondo a anterioridade dos textos deuteronómicos. Numerosos gráficos ilustram a hipótese.

A análise da perícopre pré-sacerdotal do Sinai leva E. Blum a conclusão semelhante: «pode-se demonstrar que a narrativa do Sinai constitui (só) uma parte de uma história mais vasta que trata das origens de Israel; esta história começa com Abraão (e não com a história da criação!) para se ligar no Deuteronómio à linha da historiografia deuteronomista (=dtrG). Esta composição compreende, portanto, o essencial do material não-sacerdotal contido no Pentateuco e precedeu a composição sacerdotal do Pentateuco. Apoia-se inegavelmente sobre tradições mais antigas. Mas, em vista do importante trabalho de formulação e de elaboração nova a que se entregou (particularmente em Êxodo e Números), não se pode qualificar unicamente de 'redacção' ou ainda de 'remanejamento'. No plano da história da composição, ela parece-me supor a História Deuteronomista (no sentido de M. Noth); mas também se pode considerar, sob numerosos aspectos, como o produto de uma formação 'deuteronomista' de tradições, concebida no sentido mais vasto do termo. Pode admitir-se que ela se inscreve num contexto que se situa pouco depois do exílio. Por isso eu falaria de composição-D (= 'D-Komposition'), ou, sob forma abreviada, de KD.» (p. 279). Dt 31, 14-15.23; 34,10 «é uma das 'charneiras' por que KD se liga a dtrG» (p. 282), marcando simultaneamente o fim da história de Moisés. Em suma, trabalhando sobre material de base pré-deuteronómico (claro em Ex 19-20) que limitou a liberdade de elaboração (p. 285), a composição-D foi a primeira redacção consequente das tradições, recebendo o toque final da redacção sacerdotal, KP (p. 294).

Mas nem todos os investigadores contemporâneos estão dispostos a lançar a teoria documentária pela borda fora. J. Vermeylen, «Les premières étapes littéraires de la formation du Pentateuque» (pp. 149-197) distingue três «famílias» de textos antigos: textos de tipo eloísta (E), textos de tipo «javeísta salomónico» (J) e textos de tipo «javeísta davídico» (Dv), concluindo que, após o estádio das tradições orais, «a primeira etapa propriamente literária da formação do Pentateuco pode situar-se por volta do ano 1000, na época de David» (p. 196). «No tempo de Salomão, uma geração mais tarde, as pequenas colecções Dv foram juntas a outros materiais num só documento, formando desta vez uma grande história articulada que se estendia pelo menos da criação do homem à época de Moisés. O autor, designado convencionalmente pela sigla J, não se distingue de Dv nem pelo estilo nem pela teologia, mas pelo seu objectivo prático... res-

ponder ao partido legitimista que contesta o poder pessoal de Salomão» (p. 197). «As passagens de tipo E nunca formaram um documento coerente, mas devem considerar-se complementos apostos à narrativa J para a interpretar» (p. 197).

As propostas equilibradas de H. Seebass (pp. 199-214: «Que reste-t-il du Yahwiste et de l'Élohiste?»; pp. 215-230: A titre d'exemple: Réflexions sur Gen 16 // 21,8-21 et 20,1-17 // 26,1-33» sugerem a manutenção de J e E como hipóteses, sem negar a autonomia desta (p. 208), pois só mantendo-a se pode estabilizar e isolar J (p. 204). Há razões para atribuir a J uma história das origens (p. 205) e a distinção de uma fonte ou documento P impõe-se desde Th. Nöldeke, em 1869 (p. 209: não se aceita a sua dissolução na redacção final, contra R. Rendtorff).

E. Zenger (pp. 301-331: «Le thème de la 'sortie d'Égypte' et la naissance du Pentateuque») volta a fundamentar e a sintetizar as suas reservas às críticas mais demolidoras da hipótese documental, como se encontram, por exemplo, no «modelo de Heidelberg» R. Rendtorff e discípulos): 1) não é plausível que a pequena comunidade de Jerusalém na época exílica/pós-exílica tenha demonstrado mais pujança intelectual e capacidade de síntese do que o apogeu político e económico da era salomónica; 2) o modelo não explica as teologias da história divergentes que separam o Pentateuco de Jos-2 Re.; 3) não parece possível reduzir P a um estrato redaccional; 4) conexões *literárias* entre o Génesis e o Êxodo, Os 12 e o «pequeno credo histórico» de Dt 26,5-9 opõem-se ao «modelo de Heidelberg» (pp. 327-328). Logo:

«Rebus sic stantibus, c'est toujours le 'modèle de Wellhausen' qui se justifie, mais sous une forme modifié et renonçant à une application trop mécanique.» (p. 328)

Sem ver na hipótese mais que isso mesmo e não confundindo análises literárias com questões de fé e costumes, parece-me a melhor conclusão provisória no estágio actual do debate científico.

José Nunes Carreira